

Mercado das letras, mercado dos homens¹

Valéria Augusti²

Os lugares dos críticos e dos escritores

Para a imprensa em geral, e aos jornais diários em particular, costumavam dirigir-se os homens de letras que, ao longo do século XIX, pretendiam obter não apenas um emprego, como também prestígio e reconhecimento social. O livro, ao que parece, não era capaz de oferecer a visibilidade necessária ao cumprimento dessa ambição. Talvez por esse motivo, Machado de Assis, nos primórdios de sua carreira, tenha se entusiasmado tanto com esse veículo. Aos 20 anos de idade, escrevendo para o *Correio Mercantil*³, o jovem escritor afirmava que o jornal possuía atributos que faltavam ao livro. Espaço democrático por excelência, considerava, ele era o “molde” em que a literatura falava “à tribuna comum”. “República do pensamento”, o jornal, conforme acreditava, abalaria todas as “eminências” estabelecidas, dando aos talentos a oportunidade de se tornarem visíveis. Oferecendo ao leitor a sua porção de “literatura cotidiana”, teria, além disso, a vantagem de “dar uma posição aos homens de letras”.⁴

Essa tal vantagem de falar a um público alargado não escapou aos antecessores de Machado de Assis e às sucessivas

¹ Esse artigo é resultado de pesquisa de doutorado realizada junto ao programa de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com financiamento do CNPq/ CAPES.

² Doutora em Teoria e História Literária (IEL/UNICAMP), Bolsista DCR, convênio CNPq/Sedect/ UFPA

³ Machado entrou para o *Correio Mercantil* em 1859, desempenhando a função de revisor. Conferir: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª edição. Rio de Janeiro, 1999, p. 193.

⁴ ASSIS, Machado. O Jornal e o Livro. CM, 10 e 12 jan 1859. IN: COUTINHO, Afrânio (org.). *Op. cit.* p. 943-948.

gerações de literatos que afluíram sem cessar à imprensa no decorrer do século XIX, procurando, através dela, construir suas reputações. Em busca de visibilidade, a maior parte dos homens que pretendiam se fazer conhecidos e respeitados se dirigiram para o Rio de Janeiro⁵, transformando a capital do Império numa espécie de capital literária da nação, como sugere Brito Broca:

Na verdade, só a Corte dava nomeada e consagração. Se a atividade intelectual era vivaz em São Paulo e em Recife, depois do período estudantil os que ali se haviam iniciado nas letras tinham de vir realizar-se na Corte. Quando, porventura, insistiam em permanecer na província – mesmo quando estudavam na Europa ou viajavam longamente pelo estrangeiro, como o caso do maranhense Sousândrade – ficavam mais ou menos esquecidos ou eram obscurecidos em seus méritos até pelas celebridades secundárias da Corte.⁶

Sem dúvida alguma, muitos dos que alcançaram projeção no meio literário dos oitocentos e se consagraram posteriormente como escritores eram originários das mais diversas regiões do país e chegavam ao Rio de Janeiro após concluírem os estudos superiores.⁷ No entanto, houve quem

⁵ Na capital do Império se concentrava a burocracia do Estado e o comércio, pois conectava através dos portos o norte e o sul do país e este último com a Europa e África Conferir: ALONSO, Angela Maria. *Idéias em movimento: a geração de 70 na crise do Brasil-Império*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2000.

⁶ BROCA, Brito (seleção e org. Alexandre Eulálio). *Românticos, pré-românticos e ultra-românticos: vida literária e Romantismo Brasileiro*. São Paulo: Polis, 1979, p.323.

⁷ Do Ceará, vieram José de Alencar (final da década de 30), Franklin Távora (1874), Capistrano de Abreu (1875), Rocha Lima (1877), Araripe Junior (1880), Adolpho Caminha (1883-1885; 1892) e Clóvis Beviláqua (1900). Do Maranhão, Aluísio Azevedo (1874) e Coelho Netto (1885); do Rio Grande do Sul, Pardal Mallet (antes da década de 80) e Alcides Maia (1903); de Minas Gerais Bernardo Guimarães (após 1859, mas não fica muito tempo na cidade) e Julio Ribeiro (1862); da Bahia Alexandre Mello Moraes Filho (s.d); do Pará José Veríssimo (a primeira vez em 1869 e a partir de 1891 definitivamente) e Inglês de Sousa (1892); de Sergipe Silvio Romero. Estudaram na Faculdade de Direito do Recife: Araripe Junior (s.d), Celso da Cunha Magalhães (conclui o curso em 1873), Clóvis Beviláqua (1878-82), Coelho Netto (conclui em 1885), Franklin Távora

abandonasse completamente a vida acadêmica, como Olavo Bilac, que deixou inconclusos os cursos de Medicina no Rio de Janeiro e Direito em São Paulo para se dedicar ao jornalismo, e José Veríssimo, que não chegou a concluir seus estudos na Escola Politécnica.

Dois nomes importantes do campo literário nacional - Machado de Assis e Capistrano de Abreu - passaram ao largo da experiência nas academias de ensino superior, iniciando suas atividades profissionais em misteres pouco prestigiosos, mas diretamente ligados à imprensa e ao mercado editorial: Capistrano chegou ao Rio de Janeiro em 1875 e empregou-se na Livraria Garnier, onde era responsável por enviar à imprensa as notas sobre os lançamentos de livros⁸ e Machado de Assis empregou-se, em 1855, aos 16 anos, como revisor do periódico *A Marmota*, de propriedade de Paula Brito. Franklin Távora, mesmo formado em Direito pela Faculdade do Recife, empregou-se, também, como revisor do *Jornal do Recife*, em que posteriormente publicaria seus primeiros romances.⁹

Alguns chegaram ao Rio de Janeiro nas décadas de 80 e 90, depois de terem construído sólida carreira na política e no funcionalismo público. É o caso de Araripe Junior que, após

(1859-1863), Inglês de Sousa (1870, conclui em SP), João Carlos Pardal Mallet (após 1884), Luiz Guimarães Junior (entre 1864-69), Raul Pompéia (1884-1885), Silvío Romero (1868-1873), Joaquim Nabuco. (1869-70). Estudaram na Faculdade de Direito de São Paulo: Alcides Maya (Inconcluso), Bernardo Guimarães, Carlos Magalhães de Azeredo, Inglês de Sousa (concluiu em São Paulo o curso iniciado no Recife), Joaquim Nabuco (iniciou o curso na cidade de São Paulo e o concluiu no Recife), José de Alencar, Lúcio de Mendonça, Olavo Bilac (inconcluso), Raul Pompéia (iniciado em São Paulo e concluído em Recife), Salvador de Mendonça e Valentim Magalhães.

⁸ Entre 1876 a 1880 Capistrano de Abreu exerceu a função de professor de português e francês no colégio Aquino, de grande reputação no Rio de Janeiro. Em 1879 foi nomeado oficial da Biblioteca Nacional, cargo obtido através de concurso. No mesmo ano ingressou no corpo de redatores da *Gazeta de Notícias*. Em 1883 publicou a tese com que disputou a cátedra de Corografia e História do Colégio Pedro II. Tomou posse em 23 de julho de 1883. A respeito de Capistrano de Abreu conferir: CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Capistrano de Abreu*. RJ: José Olympio, 1969.

⁹ A respeito conferir: AGUIAR, Cláudio. "Um homem de jornal" In: *Franklin Távora e seu tempo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

ter concluído o curso de Direito, assumiu o cargo de Secretário do Governo de Santa Catarina para, entre os anos de 1872 a 1875, desempenhar a função de juiz na cidade de Maranguape no Ceará, chegando ao Rio de Janeiro apenas em 1880. Na década seguinte, mudou-se também para a capital José Veríssimo, após uma experiência de três anos como Diretor de Instrução Pública no Pará (1880-1883), onde atuou na imprensa como colaborador do *Liberal do Pará* em 1878 e como fundador da *Gazeta do Norte*, em 1879 e da *Revista Amazônica*, entre os anos 1883 e 1884. Em 1891 chegou ao Rio de Janeiro e, três anos depois, assumiu a função de diretor do externato do Ginásio Nacional, antigo Colégio Pedro II, onde permaneceu até 1897.¹⁰

Ao contrário destes, que chegaram ao Rio de Janeiro com certo prestígio profissional, outros houve que para lá se dirigiram trazendo nas algibeiras apenas uma ou outra experiência com periódicos, adquiridas nos tempos da faculdade. Para inserir-se no meio jornalístico fluminense, contavam com redes de relações de natureza política ou com a interferência de alguma pessoa influente.

Salvador de Mendonça, por exemplo, chegou ao Rio em 1861, depois de ter perdido os pais, proprietários decadentes de fazendas de café do vale do Paraíba. Em busca de emprego na capital, trabalhou primeiramente no escritório de advocacia de Saldanha Marinho que, em seguida, empregou-o como redator do *Diário do Rio de Janeiro*,¹¹ como o fizera com Bocaiúva. A experiência anterior de Salvador de Mendonça na imprensa se resumia à participação na revista acadêmica *O Caleidoscópio*, de São Paulo e a uma única colaboração na *Revista Popular*, na qual publicou crítica a respeito do livro de

¹⁰ VERISSIMO, José. *Que é literatura e outros escritos*. São Paulo: Landy, 2001.

¹¹ O jornal foi fundado em 1821 e circulou até 1878. Conforme afirma Werneck Sodré, foi o primeiro jornal informativo do Brasil, ocupando-se de questões locais. Era popularmente conhecido como “diário do vintém”, devido ao baixo preço. Em 1860 passou a ser dirigido por Saldanha Marinho, com a ajuda de Quintino Bocaiúva e Henrique César Muzio. A respeito do periódico conferir: SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. cit.* e também ALONSO, Angela Maria. *Op.cit.*

poemas *Flores Silvestres*.¹² Olavo Bilac também iniciou sua atividade jornalística em São Paulo, entrando para o *Correio Mercantil*, auxiliado por uma carta de apresentação de Raimundo Correia:

Meu Caro Gaspar – (Rio, - 20 de abril de 1887). É com imensa satisfação que te apresento agora o cantor de Delenga Carthago, o poeta ardente da Tentação de Xenócrates, meu particular amigo Olavo Bilac, um dos mais belos e robustos talentos da nova geração. A par disso é Bilac um coração grande e generoso, uma alma esplendida e rara, raríssima nesta época de ingratidões e rancorosas invejas. Deste quero que sejas amigo, meu Gaspar, como tens sido meu, até hoje. Terás em Olavo, além de um espírito nobremente dedicado, um valioso auxiliar na luta que há muito suportas pelo Bem e a Luz. Garanto-te. Vai estudar direito: e depois dele irá o nosso Alberto de Oliveira. O meu querido Olavo não tem, talvez, bastantes recursos; mas conto eu muito com a sua valentia moral e com a tua, meu nobre e generoso Gaspar. A apresentação é também do Valentim e do Filinto – o que mais há de grande e de adorável nele vel-o-ás tu com teus claros olhos.¹³

Indicado por homens que já tinham respeitabilidade na área, Bilac iniciava, pois, sua carreira jornalística como meio de sustentar-se enquanto cursava a faculdade que não chegaria a concluir, dirigindo-se posteriormente à capital como tantos outros fizeram ou iriam fazer. Lá chegando, colaborou em 1889 para o *Novidades*, jornal que, embora tivesse como

¹² O livro era de autoria de Francisco Leite Bittencourt de Sampaio, que em São Paulo escrevia para o periódico *Guaianá*, fundado em 1856. Na *Revista Popular* colaboravam sobretudo os primeiros expoentes do romantismo brasileiro, como João Manoel Pereira da Silva, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Joaquim Manoel de Macedo, Domingos José Gonçalves de Magalhães, entre outros. Na coluna de crítica literária da revista, publicada entre os anos de 1859 a 1862, discutia-se especialmente temas relativos à história da literatura brasileira. Conferir: PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. Dissertação de Mestrado, UNESP-ASSIS, 2002.

¹³ PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. RJ: Livraria José Olympio, 1944, p.47.

orientação política a defesa do cativo, dedicava grande espaço às letras. Levado pelas mãos de Coelho Netto, foi, em seguida, para o jornal *A Cidade do Rio*, periódico de orientação republicana e abolicionista, pertencente a José do Patrocínio.¹⁴

Foi a José de Alencar, nome já reconhecido no meio literário, que Capistrano de Abreu recorreu quando de sua chegada ao Rio de Janeiro. Tendo conhecido o romancista em Fortaleza, procurou a ele e a Araripe Junior, seu colega na “Academia Francesa”, fundada em sua cidade natal no ano de 1872.¹⁵ Consta que José de Alencar o teria posto em contato com Joaquim Serra, que, por sua vez, o deveria apresentar a Machado de Assis. Fato é que em 1875 Capistrano de Abreu publicava os artigos sobre *A Literatura Brasileira Contemporânea* justamente n’*O Globo*, jornal de Bocaiúva, que era amigo de Machado de Assis.¹⁶

Houve também quem tentasse ganhar nomeada enfrentando nomes estabelecidos no meio literário nacional. Foi o caso de Franklin Távora, que em 1871, quando ainda se encontrava no Recife¹⁷, fez-se ouvir por meio da polêmica, enfrentando José de Alencar nas *Cartas a Cincinato, estudos críticos sobre o Gaúcho e a Iracema*, publicadas pela primeira vez nas *Questões do dia*, cujo fundador e principal redator era o conselheiro José Feliciano de Castilho.¹⁸ Chegando ao Rio de Janeiro em 1874¹⁹, Távora trazia na bagagem a referida polêmica e uma série de romances publicados nos periódicos

¹⁴ Conferir: SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. cit.*, pp. 238, 240, 292. Sobre a atuação de Olavo Bilac como jornalista, conferir também: DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista: ensaios*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial/ Editora da UNICAMP, 2006.

¹⁵ A Academia francesa reunia um grupo de jovens que discutiam questões literárias, sobretudo relacionadas às teorias positivistas. MENEZES, Raimundo de. *Capistrano de Abreu: um homem que estudou*. São Paulo: Melhoramentos, s.d., pp. 6 e 7.

¹⁶ Conferir: CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

¹⁷ No período entre 1869 e 1873 residia no Recife, onde redigia os periódicos *A Consciência Livre* (1869-1870) e *A Verdade* (1872-73).

¹⁸ A crítica teve segunda edição, revista pelo autor, em 1872, assinada com o pseudônimo de *Sempronio*.

¹⁹ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1997, 2 v., p.342.

de sua cidade natal.²⁰

Residir na capital do Império, não foi, entretanto, pré-requisito para que Lúcio de Mendonça conseguisse publicar nos periódicos da cidade. Apesar de ter se transferido para o Rio somente em 1888²¹, colaborou em 1880 na *Gazetinha* e, em 1885, n'*A Semana*²², periódico de Valentim Magalhães, com quem, posteriormente, fundou o jornal político *O Escândalo*. Residindo em Minas Gerais a partir de 1877, Lúcio de Mendonça mantinha nessa província, ao lado de Afonso Celso e Felício dos Santos, os periódicos republicanos *O Colombo* (1875;1878) e *O Jequitinhonha* (1861-1872; 1880). O ideário político garantia sua ligação com os companheiros do Rio de Janeiro, e, conseqüentemente, com a imprensa fluminense. Quando retornou à capital, entrou para a redação d'*O Paiz*, importante jornal cuja direção, a partir de 1875, estava a cargo do também republicano Quintino Bocaiúva, que substituíra Rui Barbosa nessa função.²³

A atividade daqueles que se dirigiram à imprensa, sobretudo a partir da década de 70, foi intensa e marcada pelo debate político em torno das grandes questões que nesse período agitavam o cenário nacional: a abolição da escravatura e a

²⁰ Antes de chegar ao Rio de Janeiro havia publicado as seguintes obras de ficção: *Trindade Maldita. Contos de botequim: romance modelado pela noite na Taberna de Álvares de Azevedo*, publicado no *Diário de Pernambuco* em 1861; *Os índios do Jaguaribe: romance histórico*, publicado no mesmo jornal, no ano seguinte e com primeira edição em formato livro no Recife, em 1870; *A casa de palha*, publicado em folhetim no *Jornal do Recife* em 1866 e *Um casamento no arrabalde*, publicado na mesma cidade em 1869. Conferir: AGUIAR, Cláudio. *Op. cit.*

²¹ Formado em Direito pela Faculdade de São Paulo em 1877, Lúcio de Mendonça fez carreira política em Minas Gerais. Em 1878 foi eleito vereador e presidente da Câmara em São Gonçalo (MG). No mesmo ano, nomeado Curador Geral dos Órfãos em Rio Bonito. No ano seguinte (1879), ocupou o cargo de Delegado da Inspeção Geral de Instrução Pública da Província de Minas Gerais, no distrito de São Gonçalo. Em 1885 tornou-se Superintendente do Município de Vassouras.

²² Para *A semana* Lúcio de Mendonça escreveu contos, crônicas e reminiscências da vida de estudante; fez também a crítica de livros na coluna "Correio Literário" do mesmo jornal.

²³ As informações a esse respeito não são muito precisas. Werneck Sodré afirma que Bocaiúva substituiu Rui Barbosa, mas também diz que a partir de 1887 o jornal passou a ser propriedade de Bocaiúva.

proclamação da república. Muito embora as orientações políticas interferissem na formação de grupos em torno de nomes importantes do meio jornalístico, a circulação pelos periódicos era fluida e, nem sempre, determinada de forma exclusiva por tais grupos.²⁴

Em 1870, Quintino Bocaiúva fundou o periódico *A República*, órgão do Partido Republicano para o qual colaboravam Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes.²⁵ Com tiragens que em 1872 chegavam a 10.000 exemplares, o jornal era freqüentado por Machado de Assis, Francisco Otaviano, Joaquim Nabuco e José de Alencar, conforme relembra Lúcio de Mendonça, no dia da morte de Ferreira de Araújo:

Há vinte anos, pelo correr de 1872, a sala de redação da República, na rua do Ouvidor, onde hoje está a confeitaria Cailteau, era ponto de encontro dos homens de letras do tempo: além dos de casa, que eram Quintino Bocayuva, Salvador de Mendonça, Ferreira de Menezes, Luiz Barbosa da Silva, lá iam freqüentemente Joaquim Serra, Francisco Octaviano, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Caetano Filgueiras, e, uma ou outra vez, José de Alencar, que escrevia para a folha o romance de costumes o *Til*.²⁶

²⁴ A imprensa nacional até meados da década de 60 possuía basicamente um grande periódico nacional e não partidário, muito embora tendendo para um editorial conservador e em sintonia com o Império – o *Jornal do Comércio* -. A partir dessa década, no entanto, o barateamento do custo dos jornais em virtude da modernização dos processos de impressão permitiu o surgimento de inúmeros periódicos, muitos dos quais veículos de expressão crítica da ordem imperial, como os liberais a *Reforma*, *O Diário do Povo*, a *Tribuna Liberal*, os liberais republicanos como *A República*, *O Globo*, *O Paiz* e revistas que buscavam detratar a casa dinástica como a *Revista Ilustrada*, a *Ilustração Brasileira*, *O Mosquito*, entre outros. Esses e outros jornais contestadores se dirigiam para um público não representado pelas instituições políticas imperiais: empregados do comércio, trabalhadores de baixa renda, profissionais liberais, estudantes, e mesmo os politicamente incapazes: mulheres, analfabetos e escravos, etc. Conferir: ALONSO, Angela Maria. *Op.cit.*

²⁵ O periódico era órgão do Partido Republicano Brasileiro, que incorporava o universo de profissionais autônomos do Rio de Janeiro. Também fizeram parte de sua fundação Aristides Lobo e Manuel Ferreira Vieira que, juntamente com Bocaiúva, redigiam, em sua primeira fase, quase todo o jornal. O manifesto do Partido Republicano foi escrito por Quintino Bocaiúva e Salvador de Mendonça. Conferir: ALONSO, Angela Maria. *Op.cit.*

²⁶ PONTES, Eloy. *Op. cit.*, p.171.

No periódico se reuniam, portanto, monarquistas como Alencar, pertencente ao Partido Conservador, liberais republicanos e novos liberais, grupo que aglutinava indivíduos que tinham laços de parentesco com famílias tradicionais de políticos das províncias do Norte.²⁷ Formados na década de 70, os novos liberais como Joaquim Nabuco, o jornalista maranhense Joaquim Serra, e Rui Barbosa não encontraram a facilidade de seus pais para entrar na vida pública, sobretudo devido à primazia dos conservadores que ficaram no poder entre 1868 e 1875. Nos periódicos como o *Jornal do Comércio*, *Gazeta da Tarde*, de Patrocínio e *O Paiz*, dirigido por Bocaiúva, combatiam o sistema escravista, que consideravam o pilar do retrocesso da nação.²⁸

Os laços entre Quintino Bocaiúva, Machado de Assis e Salvador de Mendonça advinham, no entanto, de longa data. Em 1860, quando Bocaiúva assumiu o cargo de redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*, Salvador de Mendonça foi convidado por ele a trabalhar no jornal, tendo como companheiro Machado de Assis, que fazia a cobertura do Senado na condição de repórter.²⁹ Nos anos seguintes, Bocaiúva restauraria o jornal *O Globo*, juntamente com Salvador de Mendonça e, em seguida dirigiria *O Paiz*.

Em torno de José do Patrocínio estavam principalmente

²⁷ Ângela Alonso comenta a esse respeito que essa convivência expressa a relação de cavalheirismo entre monarquistas e republicanos, liberais e conservadores. Conferir: ALONSO, Angela Maria. *Op.cit.*

²⁸ ALONSO, Angela Maria. *Op.cit.*,p.76.

²⁹ Em 1867, quando se desfez a redação do *Diário do Rio de Janeiro* em virtude da ida de Quintino Bocaiúva para os Estados Unidos da América, Machado de Assis deixou o jornal e foi para o *Diário Oficial*, em que permaneceu até o ano de 1874. A essa época, Machado de Assis já havia passado por diversos periódicos como *A Marmota*, jornal de Paula Brito, pelo *Atualidade*, órgão liberal lançado em 1858 por Lafaiete Rodrigues Pereira e Pedro Luis e Flávio Farnese e pelo periódico *O Futuro*, de Faustino Xavier Novaes, mantendo nesse periódico uma coluna de crônicas. Nelson Werneck Sodré, *Op. cit.*, p.224 afirma que Bocaiúva era amigo de Machado de Assis. Nas correspondências do romancista com Magalhães de Azeredo ambos fazem menção a Quintino Bocaiúva como se fosse um amigo comum. Conferir: CARMELO, Virgillo. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: INL / Ministério da Educação e Cultura, 1969.

alguns dos jovens escritores que chegaram ao Rio de Janeiro na década de 80 e ficaram conhecidos posteriormente como a “geração boêmia”: Coelho Netto, Olavo Bilac, Luiz Murat, Raul Pompéia, Paula Ney, Pardal Mallet e Aluísio Azevedo.³⁰ Advindos sobretudo dos Cursos de Direito, essa geração saiu dos bancos das faculdades num momento em que os postos no emprego público e o acesso à carreira política sofriam franca redução em termos quantitativos. Assim sendo, dirigiram-se aos cargos privados do magistério e à imprensa, criticando o antigo regime que estava em vias de se esboroar.³¹

Uniões e rompimentos eram constantes no interior do grupo, sobretudo por diferenças políticas. Em 1888, Pardal Mallet era redator-chefe do jornal *A Cidade do Rio*, de José do Patrocínio. No ano seguinte, rompeu com Patrocínio, em virtude deste último ter se tornado isabelista e, em companhia de Bilac, Coelho Netto, Raul Pompéia e Luiz Murat fundou o jornal *A Rua*. O jornal acabou em 1889, e em setembro do mesmo ano Mallet fundou *O Meio*³², contando com a ajuda de Coelho Netto e Paula Ney. Nesse mesmo ano Bilac rompeu com Mallet, retornando ao jornal de Patrocínio. Do grupo em questão, somente Raul Pompéia se alinharia, após a proclamação da República, com a política florianista, o que lhe valeu a recriminação de Luiz Murat. A partir de então, Pompéia romperia com os amigos, sendo nomeado em 1894 para o cargo de Diretor da Biblioteca Nacional pelo governo Floriano Peixoto e, no ano seguinte, colaborador do jornal florianista *O Nacional*.

A atuação política combativa nesses pequenos jornais que costumavam durar pouco não era, contudo, o único projeto de vida desses escritores. Bilac, por exemplo, sonhava trabalhar na *Gazeta de Notícias*, desde os tempos de estudante em São Paulo. No entanto, só entrou para o jornal em 1889, quando passou a ocupar cargo público no governo de Portela. Nesse

³⁰ Na verdade, tanto Pardal Mallet, quanto Aluísio eram mais velhos que os demais, tendo o primeiro nascido em 1846 e o segundo em 1857.

³¹ Entre 1874 e 1876 apenas 8% dos diplomados conseguiram emprego nos postos governamentais. Na década de 50 esse número chegava a 31%. Conferir: ALONSO, Angela Maria. *Op. cit.*, p.84.

³² O jornal, segundo Nelson Werneck Sodré, *Op.cit.*, p.281, teve curta duração, circulando em fascículos de quinze páginas.

jornal, ficaria por vinte anos, com pequenos intervalos de ausência.³³

Provavelmente, atuar num grande jornal como a *Gazeta de Notícias* ou *O Paiz* era mais prestigioso e garantia maior público leitor do que escrever para os jornais nãnicos, a despeito da relevância destes últimos para o debate político da época. Além disso, o prestígio de tais jornais se relacionava a importantes nomes da literatura que neles colaboravam ou haviam colaborado, como bem o recordava o próprio Bilac ao assumir a crônica da *Gazeta*:

Na crônica, neste aposento reservado, em que se apura a resenha semanal, vivo há pouco tempo. Já moraram aqui vários espíritos famosos: um deles, o que me precedeu, foi o fino espírito do mestre Machado de Assis – um nababo egoísta que, um belo dia, ali por volta de 1897, meteu num saco as luzes e os perfumes, as estrelas e as rosas, que costumava espalhar por esta seção, e levantou acampamento, obrigando o leitor habituado ao licor precioso de seu estilo, a contentar-se com a chilra do meu. Treze anos!³⁴

Circular por inúmeros periódicos, inclusive os de grande porte auxiliava, ao que parece, a construção do nome e do prestígio do escritor. Exemplar quanto a isso foi Machado de Assis, que na década de 60 colaborou simultaneamente para vários deles: o *Diário do Rio de Janeiro* (1861-1867), *O Futuro* (1862-1863), *Jornal das Famílias* (1864-1878) e, na década de 70, para *A Semana Ilustrada* (1872-1873), a *Ilustração Brasileira* (1876-1878) e o *Cruzeiro* (1878).³⁵ Nas décadas seguintes, já respeitado no campo literário, entrou para a *Gazeta de Notícias*, em que publicaria crônicas nos períodos de 1884-1888 e 1892 a 1897, quando Bilac o substituiu, voltando a escrever para o jornal somente em 1907. Outro exemplo de operosidade nesse mesmo sentido foi Raul Pompéia, que em 1885 escrevia para

³³ PONTES, Eloy. *Op.cit.*, p.170.

³⁴ PONTES, Eloy. *Op.cit.*, p.174. Na biografia de Bilac consta que entrou para a *Gazeta de Notícias* em 1889. No entanto, na citação acima, que se trata de uma recordação de Bilac sobre aqueles tempos, publicada em 1903, o autor parece sugerir que estava entrando para o jornal em 1897, substituindo Machado na coluna de crônicas.

³⁵ SODRÉ, Nelson Werneck, *Op.cit.*, p.268.

os jornais fluminenses *Gazeta Literária*, *A Semana*, e *Gazeta da Tarde* e, em 1886, para a *Gazeta de Notícias*. Dois anos depois, escreveria intensamente para a *Gazeta de Notícias*, colaborando também para a *Gazeta Literária* e para a *Gazeta da Tarde*.³⁶

Para os homens de letras era importante não apenas escrever crônicas e artigos diversos, como também divulgar sua produção literária para o público leitor em geral. Nesse caso, a imprensa e as redes de relações nela estabelecidas tiveram um papel fundamental, pois foi em seu interior, mais do que em qualquer outra forma editorial, que se permitiu o exercício dos mais diversos gêneros, sobretudo do romance, que construiu sua reputação no mais efêmero dos veículos.

Caso acreditemos nas falas dos escritores brasileiros, poderíamos supor que publicar qualquer tipo de obra em formato livro - com exceção das que tinham caráter escolar, cujo público era garantido - contando com o financiamento da parte dos editores, não foi, durante boa parcela do século XIX, tarefa das mais fáceis. Ao que parece, somente nomes experimentados e agraciados pela simpatia do público leitor tinham a atenção e o respectivo contrato editorial firmado com os livreiros, como aconteceu a Alencar e Machado de Assis.³⁷

Mesmo assim, Machado, já respeitado pelo público e pela crítica, publicava seus romances em folhetins, como o *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que saiu pela *Revista Brasileira*,³⁸ dirigida por José Veríssimo, com quem mantinha estreitas relações de amizade. Não é possível afirmar ao certo o motivo que levava escritores com nome já firmado no meio literário a publicarem suas obras primeiramente na imprensa. Haveria mais leitores de jornais e revistas que de livros? Haveria o desejo de prestigiar o veículo de um amigo com suas produções? Infelizmente não há respostas seguras para tais questões.

No entanto, uma coisa parece certa: durante boa parte

³⁶ SODRÉ, Nelson Werneck, *Op.cit*, p.282.

³⁷ Essa dificuldade, ao que tudo indica, perdurou pelo menos até a década de 70, quando o mercado livreiro assistiu a uma considerável ampliação. A esse respeito conferir: EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³⁸ O romance começou a ser publicado nesse periódico no ano de 1880.

do século XIX imprensa e casas editoras conjugaram-se no processo de circulação da produção literária nacional. Fosse ela poesia, romance ou mesmo crítica literária, o trajeto mais comum percorrido pela obra tinha início na imprensa, ganhava formato livro e depois voltava para a imprensa de modo a receber publicidade e apreciação crítica.

A primeira dessas etapas – de publicação na imprensa – é reveladora da importância da inserção dos escritores no meio jornalístico, bem como das redes de relações ali tecidas por eles. Entre 1852 e 1853, o romance *Memórias de um Sargento de Milícias* veio a público em folhetins pelo *Correio Mercantil*, jornal em que seu autor, Manoel Antonio de Almeida, assinava a “Revista Bibliográfica”³⁹, além de fazer traduções de romances estrangeiros. Na mesma década, José de Alencar, na condição de redator-chefe do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, publicou nesse periódico os romances *Cinco Minutos* e *O Guarani*, nos anos de 1856 e 1857, respectivamente.⁴⁰ Machado de Assis, por sua vez, publicou, em 1874, o romance *A Mão e a Luva* no jornal *O Globo*, de seu amigo Bocaiúva.⁴¹ No mesmo periódico, Salvador de Mendonça divulgou, em folhetins, o romance *Marabá* que, em 1875, ganhou o formato livro pela tipografia do mesmo jornal.⁴² Franklin Távora publicou *O Sacrifício* (1879) e *Lourenço: chronica pernambucana*, no ano de 1881 nas páginas da *Revista Brasileira*, fundada e dirigida por ele e Nicolau Midosi em 1879.⁴³ Quando iniciava sua carreira na capital, Aluísio costumava publicar seus romances no periódico de seu irmão e em outros nos quais tinha conhecidos: em 1882, publicou

³⁹ Coluna dedicada a comentar as publicações recém-lançadas pelas casas editoras.

⁴⁰ Foi somente na década de 70, já consagrado pelo público leitor, que assinou com a Garnier um contrato que lhe garantia a reedição de seus romances e publicação dos que viriam.

⁴¹ O *Globo* reunia nomes como Urbano Duarte, Capistrano de Abreu e Joaquim Nabuco.

⁴² BROCA Brito. *Op.cit.*, pp. 61 e 66.

⁴³ Dessa segunda fase da revista saíram dez volumes, compreendendo o período de 1879 a 1881. Távora publicou as *Lendas e Tradições Populares* em 1878, na *Ilustração do Brasil*, jornal para o qual colaboravam Arthur Azevedo, Machado de Assis e Joaquim Serra. O romance *O Cabelleira* foi publicado em 1876, no Rio de Janeiro, pela Tipografia Nacional, saindo na *Ilustração Brasileira* no ano de 1878.

Memórias de um condenado, na *Gazetinha*,⁴⁴ periódico fundado em 1880 por Arthur Azevedo.⁴⁵ No mesmo ano, começou a publicar os *Mistérios da Tijuca* em folhetins no primeiro número da *Folha Nova*⁴⁶, onde trabalhava como redator o respeitado jornalista Joaquim Serra, que era seu conterrâneo. Nessa mesma *Folha*, publicou, no ano seguinte, o romance *Casa de Pensão*.⁴⁷ Em 1884, quando Joaquim Serra saiu da *Folha Nova*, Aluísio Azevedo deixou de publicar seus romances nesse periódico. No ano seguinte, publicou capítulos do inacabado *Rui Vaz, Scenas Da Vida Fluminense*⁴⁸ em *A Semana*, de Valentim Magalhães.⁴⁹

No que diz respeito à recepção crítica das obras, a importância das relações estabelecidas no meio jornalístico não foi menor. Exemplar quanto a isso foi o lançamento do romance *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Auxiliado pelos amigos, assistiu à distribuição de uma quantidade considerável de artigos sobre o romance nos periódicos fluminenses: Capistrano de Abreu escreveu uma crítica na *Gazeta de Notícias*, em que assinava uma coluna sobre livros; Urbano Duarte publicou outra na *Gazeta Literária*; o irmão do autor se encarregou de publicar artigo sobre o romance na coluna “flocos” do *Correio do Povo*, assinando AA.; Pardal Mallet iniciou uma série de três artigos também na *Gazeta de Notícias*; Medeiros de Albuquerque transcreveu uma correspondência do *Correio Popular* em *A Cidade do Rio*, em que reproduziu um

⁴⁴ Na *Gazetinha* colaboravam José do Patrocínio, Lúcio de Mendonça, Aluísio Azevedo, Urbano Duarte, entre outros.

⁴⁵ Brito Broca *Op. cit.*, 1991, p. 160, afirma que o romance foi publicado em folhetim e depois em livro. Sacramento Blake informa que foi publicado originalmente em folhetim, na “*Gazetinha*”, no ano de 1882. Em 1902 foi publicado no formato livro com o título *A condessa de Vésper*.

⁴⁶ SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

⁴⁷ SODRÉ, Nelson Werneck, *Op.cit.*, pp. 192, 234 e 269.

⁴⁸ EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 37.

⁴⁹ Nos tempos de faculdade Valentim Magalhães participava do grupo republicano-abolicionista de gaúchos e paulistas reunidos em torno dos periódicos *A República* (1878) e *A Luta* (1882). Conferir: ALONSO, Angela Maria. *Op. cit.* pp.102, 103, 104 e 113.

diálogo sobre o romance que ouvira na Garnier; Contarini Fleming, pseudônimo de José do Patrocínio, também publicou artigo em seu jornal *A Cidade do Rio*.⁵⁰

Não há dúvida de que durante boa parte do século XIX, senão todo ele, a capital do Império, e particularmente a imprensa periódica que nela se desenvolveu, foi destino e ambição de muitos dos homens que pretendiam fazer-se conhecidos como escritores. A despeito de sua efemeridade, já que atrelada no mais das vezes ao noticiário cotidiano, ela provavelmente atingia um público leitor mais extenso do que aquele do livro, cujas edições baratas tornaram-se mais freqüentes apenas nas últimas décadas do século.⁵¹ Mesmo que mais acessível ao escritor do que o mercado livreiro, a imprensa periódica exigia, daqueles que nela pretendiam se aventurar, o domínio de um conjunto de estratégias capazes de garantir um espaço de atuação. Valer-se de cartas de recomendação, bem como meter-se em polêmicas com nomes já respeitados do meio literário eram, pois, algumas delas e, por certo, tinham grande eficácia. No entanto, tais práticas, levadas a cabo por um sem número de escritores, eram, vez ou outra, alvo de críticas, pois entendia-se que pouco contribuíam para o desenvolvimento da literatura nacional.

Das “mazelas” da crítica

A crítica literária foi, durante boa parte do século XIX, e para não dizer durante todo ele, uma atividade exercida sobretudo nos periódicos. Livros de crítica literária, que poderiam ser um indicativo da respeitabilidade do ofício e da profissionalização do crítico, foram poucos os publicados no século XIX. O livro não era produto dos mais baratos e requeria do autor certa respeitabilidade no meio literário ou, por vezes, boas relações no mercado editorial para que chegasse a termo.

Assim sendo, era na imprensa diária que a crítica se exercia mais intensamente. O trabalho em tal veículo implicava, no mais das vezes, a assinatura de crônicas, que àquela época eram um misto de notícias sobre a cena política

⁵⁰ Conferir Brito Broca *Op. cit.*, 1991, pp. 121, 123, 124, 125, 129,

⁵¹ EL FAR. 2004, *Op. cit.*.

e cultural do país ou da localidade em que estava sediado o periódico. Além das crônicas havia também, em alguns jornais e revistas literárias, colunas bibliográficas que tinham caráter mais especializado, restringindo-se às notícias sobre os lançamentos do mercado editorial. Em ambos os casos era prática corrente o crítico receber das casas editoras ou dos próprios escritores, a publicação que servia de matéria para seu trabalho. Uma vez nas mãos do crítico, o livro podia ou não receber uma análise pormenorizada. Por vezes era somente noticiada a publicação, como se pode observar em nota publicada n' *O Estado de São Paulo*:

Helena – recebemos em brochura este novo romance de Machado de Assis. É publicado pelo sr. Garnier e faz parte da sua já extensa “Bibliotheca Universal”. Agradecemos o exemplar recebido.⁵²

Ficava, portanto, a critério do responsável pela notícia decidir o tratamento que a obra receberia. Tal poder decisório revela que, ao contrário do que se poderia imaginar, o fato de a imprensa diária manter relações íntimas com o mercado editorial não significava garantia certa de divulgação de uma obra. A crítica em circulação na imprensa obedecia, também, a regras de outra ordem, relacionadas mais propriamente ao mercado dos homens. Para dar a visibilidade desejada a suas publicações, os escritores não raro lançavam mão de estratégias que recaíam sobre as redes de relações por eles mantidas. Como sugere F.F. em crítica na Revista Bibliográfica do periódico *Dezesseis de Julho*, fazer acompanhar o livro de uma carta de empenho auxiliava muito o estreado:

O aparecimento de um livro entre nós, desde que não venha firmado por um nome conhecido, não merece o menor reparo da imprensa, que quando muito anuncia apenas a sua

⁵² O Estado de São Paulo. São Paulo, 22.10.1876. In: GUIMARÃES, Hélio Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. 2001. Tese (doutorado). Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2001, p. 276. GUIMARÃES, Hélio Seixas de. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankim Editorial/EdUSP, 2004.

publicidade. Um autor novel e obscuro quando quer merecer do jornalismo alguma atenção, mune-se de uma carta de empenho, com o que obtem algumas palavras de louvor, que têm tanto de lisongeiras, como de superficiaes.

Se o autor de um livro é conhecido, louva-se; se não é, nem sequer censura-se, diz-se pura e simplesmente – *F. publicou uma obra intitulada.* – e nada mais.⁵³

É certo que não podemos levar ao pé da letra a observação do crítico, pois mesmo os escritores de reputação estabelecida podiam às vezes receber uma simples notinha, como o demonstra o anúncio relativo ao romance *Helena*, publicado no periódico *O Estado de São Paulo*. Entretanto, as considerações do crítico do *Dezesseis de Julho* revelam muito de determinadas práticas firmadas no campo literário brasileiro, sobretudo das que regiam a estréia dos escritores.⁵⁴ Nesse caso, a interferência de um padrinho com razoável reputação podia realmente constituir elemento distintivo, capaz de diferenciar seu protegido dos demais estreantes. Em termos práticos, isso implicava uma análise mais detida da obra, capaz de tirar-lhe do costumeiro terreno dos jargões celebrativos referentes aos lançamentos literários nacionais, que a bem da verdade não passavam de notas curtas. Outro exemplo elucidativo das práticas que presidiam o regime de circulação e divulgação das obras está presente em artigo publicado no ano de 1879 por Carlos de Laet. Analisando a cena literária de então, o crítico traz à tona muitas das sutilezas que compunham o caminho compreendido entre a edição e a divulgação do livro na imprensa:

O primeiro livro de versos é quase sempre como os primeiros amores: traz voluptuosidades que não mais se sentem, e também amargas decepções, quando não remorsos. Os jornaes dão a notícia com aquela complacência do bom estylo que despendemos às mãos cheias quando applaudimos um pianista de sete anos. O prólogo escrito por qualquer lord

⁵³ F.F. “Revista Bibliographica”. *Dezesseis de Julho: órgão conservador*. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1870, s.n.

⁵⁴ Sobre a importância das redes de relações na constituição das carreiras literárias CF: BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

protetor das letras põe em relevo o merecimento de estreante. Dias depois aparece em qualquer folha uma publicação a pedido fazendo a crítica do livro; fácil é porém descobrir que Aristarcho é Pylades e que os bolos são dados com jeito. Ora ahí está o que se chama uma estréia auspiciosa.⁵⁵

Da simples notícia laudatória, calcada no hábito de aplaudir indistintamente tudo o que fosse produção nacional às análises mais atentas, revela-se o caminho percorrido pelo livro para obter visibilidade, caminho este que frequentemente traz a marca das relações de hostilidade ou de amizade e camaradagem, materializadas nas cartas de recomendação, bem como nos prefácios dos livros e nos artigos publicados em periódicos. Emaranhada nessa rede de relações, a crítica literária não era ofício dos mais fáceis, como assinala Machado de Assis em carta dirigida a José de Alencar no ano de 1868:

Compreende V. Ex. que, onde a crítica não é instituição formada e assentada, a análise literaria tem que lutar contra esse entranhado amor paternal que faz dos nossos filhos as mais belas crianças do mundo. Não raro se ojerizam ódios onde era natural travarem-se afetos. Desfiguram-se os intentos da crítica, atribue-se á inveja o que vem da imparcialidade; chama-se antipatia o que é consciencia. Fosse esse, porem, o único obstaculo, estou convencido de que ele não pezeria no animo de quem põe acima do interesse pessoal o interesse perpetuo da sociedade, porque a boa fama das muzas o é também.⁵⁶

Machado de Assis, que também atuava no mercado da crítica cotidiana, “militante” como se dizia à época para fazer referência àqueles que a exerciam nos jornais, dedicou dois artigos importantes às discussões sobre o papel da crítica literária e os contornos que ela deveria assumir: o primeiro deles denominado *O ideal do crítico*, publicado no *Diário do Rio de Janeiro* em 8 de outubro de 1865 e o segundo publicado na

⁵⁵ LAET, Carlos de. “Chronica litteraria”. *Revista Brasileira*. Tomo I, Ano I, 1879, p.138.

⁵⁶ ASSIS, Machado. “Carta a José de Alencar”. Rio de Janeiro, 29.02.1868. In: _____. *Correspondência*. São Paulo/ Rio de Janeiro. WM Jackson Editores, 1962, p.22.

Semana Literária do mesmo periódico, em 9 de janeiro de 1866. No primeiro deles, Machado reclamava do “desamparo da crítica pelos esclarecidos”. As musas, dizia, corriam o risco de naufragar nos mares da publicidade, em virtude de uma crítica exercida por incompetentes:

Chegamos já a estas tristes conseqüências? Não quero proferir um juízo, que seria temerário, mas qualquer pode notar com que largos intervalos aparecem as boas obras, e como são raras as publicações seladas por um talento verdadeiro. Quereis mudar a situação aflitiva? Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada, - será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreatantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, - essas três chagas da crítica de hoje, - ponde no lugar deles, a sinceridade, a solícitude e a justiça, - é só assim que teremos uma grande literatura.⁵⁷

Empenhado em oferecer mais do que julgamentos negativos, Machado punha-se a elencar os procedimentos que considerava adequados para se exercer a “ciência literária”: em lugar de um resumido julgamento de duas linhas sobre qualquer obra que fosse, o crítico deveria, pois, meditar profundamente sobre ela, procurar seu sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, e verificar até que ponto a imaginação e a verdade nela se conjugavam. Para tanto, seria necessário abandonar a leitura rápida e as impressões de momento, deixando de lado o hábito de utilizar fraseologias cuja finalidade, longe de esclarecer o leitor, apenas serviriam para louvar ou deprimir o autor da obra. A crítica útil, concluía, era aquela que escapava aos interesses do ódio e da adulação e conduzia-se tão somente pela consciência e pela ciência. Tratava-se, pois, de uma proposta de leitura intensiva, pautada pelas preceptivas poéticas e de preferência isenta das influências

⁵⁷ ASSIS, Machado. “O ideal do crítico”. *Diário do Rio de Janeiro*, 8 de outubro de 1865. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *Machado de Assis: Obras Completas*. Volume III. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1994, p. 798.

das relações pessoais, de tal forma a permitir que servisse à formação do próprio escritor.

No segundo artigo, em que tratava das supostas dificuldades de se publicar livros no Brasil e da também suposta indiferença que sobre eles recaía, o romancista fluminense reclamava o fato de a imprensa ter se detido pouco sobre o romance *Iracema* de José de Alencar. Nas poucas vezes em que isso ocorrera, afirmava, teria sido para desprestigiá-lo. O remédio para a indiferença da qual, a seu ver, eram vítimas os escritores, teria de vir da crítica literária. Ocupando papel intermediário entre o escritor e o leitor, sua finalidade deveria ser tornar claras as concepções do poeta, possibilitando a formação do gosto; e, ao mesmo tempo, servir de guia ao escritor, corrigindo-lhe as possíveis faltas. Por meio desse expediente, considerava, as obras mediocres não resistiriam e o escritor teria, finalmente, uma profissão. Entretanto, esse papel de guia do gosto e das musas, tarefa que considerava das mais sérias, não contaria, naquele momento, com meia dúzia de homens capazes de preenchê-lo.⁵⁸

No que diz respeito às concepções sobre o papel da crítica literária no país, pode-se dizer que Machado de Assis teve em José Veríssimo um parceiro intelectual. Ambos discutiram não apenas as características do público leitor e do escritor brasileiro, como vieram em defesa de uma crítica que passasse a atuar de forma pedagógica, conduzindo as musas de modo a melhorar a qualidade da produção literária nacional.

No artigo “Alguns livros de 1895 a 1898”, publicado na primeira série dos *Estudos de Literatura Brasileira*, José Veríssimo analisava a produção literária nacional relacionando-a ao perfil do público e do escritor brasileiro. A seu ver, o país estava longe de ter de se queixar da escassez de obras literárias nacionais. A produção era abundante, muito embora a maioria das obras não tivesse, conforme acreditava, qualidade suficiente para compor uma literatura e sobreviver ao esquecimento. Do ponto de vista da relação entre a

⁵⁸ ASSIS, Machado. “Semana Literária”. *Diário do Rio de Janeiro*, 9 jan 1866. In: MASSA, Jean Michel. *Dispersos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1965, pp. 228-231.

quantidade de obras publicadas e a extensão do público leitor, considerava que a primeira excederia as “exigências espirituais” de uma população praticamente toda ela analfabeta.⁵⁹ Haveria, ainda, excesso de escritores, caso se considerasse que não passavam, conforme acreditava, de uma minoria culta ou semi-culta. Tendo isto em vista, a crítica literária se justificaria como instrumento capaz de dirigir a produção literária capitaneada por escritores “precoce”, “de escassa instrução” e destinada a um público desinteressado:

O escriptor brasileiro, na grande maioria dos casos, não aprende a escrever, aprende escrevendo; e é indubitavelmente útil a ele e às nossas letras que o critico algumas vezes faça as vezes de pedagogo.

A falta de um publico interessado pela vida literaria, e capaz de uma escolha inteligente entre obras e escriptores, ainda torna mais necessária a prestadia dessa função, acaso secundaria, da critica, num paiz em que todo o sujeito que publica um livro julga-se com direito a ella e onde o noticiarismo incompetente toma o seu lugar, para opinar conforme as inspirações de uma digna camaradagem ou segundo sentimentos ainda somenos.⁶⁰

Tanto Veríssimo quanto Machado de Assis não tinham em muito boa conta o escritor, a crítica e o público leitor brasileiro. Ambos reclamavam a falta de uma “opinião literária” que sustentasse o livro nacional e acreditavam que a crítica era o instrumento mais adequado para resolver tal situação. A utilidade e importância da crítica residiriam, portanto, em seu caráter pedagógico que, incidindo sobre as duas pontas da cadeia literária - o escritor e o leitor -, teria como consequência o desenvolvimento das letras no Brasil. Inspirado por Saint-Beuve, Veríssimo acreditava que o papel da crítica era, de fato, “ensinar a ler”:

Há no uso de todas as cousas uma medida, um critério, uma escolha a fazer e respeitar. E eu não sei si ajudar a ter essa medida, a observar esse critério, a fazer essa escolha, “a

⁵⁹ VERÍSSIMO, José. Alguns Livros de 1895 a 1898. In: *Estudos de Literatura Brasileira*. Primeira Série. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 211.

ensinar a ler”, como dizia em uma palavra Saint-Beuve, não é uma das razões de ser da crítica.⁶¹

Apesar do ponto de vista abrangente acerca dos personagens envolvidos na cadeia literária, tanto Machado quanto Veríssimo deixavam de tocar no calcanhar de Aquiles do campo literário nacional àquela época: a não especialização e profissionalização das atividades desenvolvidas pelos homens de letras. Esse tema, no entanto, ocupava a atenção de Valentim Magalhães, colega de ofício nas lides da imprensa que, no primeiro número (1887) das *Notas à Margem*, periódico que seria a partir de então publicado quinzenalmente, relembra os anos de 1883 a 1885, em que tivera uma coluna de mesmo nome no periódico *Gazeta de Notícias* e reclamava dos percalços enfrentados por aqueles eram obrigados a escrever cotidianamente para a imprensa, bem como se dedicar a outras atividades profissionais em virtude da má remuneração:

A colaboração quotidianna – quer haja ou não haja assumpto, quer esteja ou não esteja disposto o escriptor, quer tenha elle ou não tenha o preciso tempo afim de estudar, meditar, dispor, apprehender perfeitamente, em todas as suas faces, o seu assumpto – é um trabalho ingrato, perigoso e fatigante. Se esse duro labor fosse remunerado na proporção de seu merecimento, se o jornalismo fosse entre nós mais que um simples achego, mais que um gancho – pois elle apenas é profissão exclusiva e bastante, para meia dúzia – neste caso, sim, escrever um artigo diariamente – mas um artigo, entenda-se: com fundo e forma, com estylo e ideas, com toda a responsabilidade da auctoria – não seria tarefa penosa e árdua, porque o escriptor, não tendo outros misteres nem outros deveres profissionais a cumprir, possuindo todos os elementos necessários ao êxito da sua tarefa, concentraria nella toda a vontade e todas as forcas, nella empregaria o melhor do seu tempo, com ella se identificaria, emfim; de maneira que o seu artigo de todo dia seria forçosamente uma obra natural, meditada, fácil, completa. Mas não era nessas condições que eu diariamente annotava, a margem, “ os factos, os livros e os acontecimentos” da vida social, política, literária

⁶¹ VERÍSSIMO, José. “Leitura e Livros”. In: *Almanaque Brasileiro Garnier para o anno de 1904*. Publicado sob a direção de B. F. Ramiz Galvão. Anno II, p. 203.

e artística do Rio de Janeiro. Por isso as imperfeições da forma, os descuidos e os defeitos d'aquelles escriptos.⁶²

Caso acreditemos na queixa de Valentim Magalhães⁶³, que recaía sobre as condições de trabalho do jornalista, poderíamos supor que, na ausência de profissionalização - entendida como dedicação exclusiva a uma única atividade -, residia, de fato, boa parcela dos problemas de que se queixavam José Veríssimo e Machado de Assis a respeito da crítica literária. As trajetórias profissionais de grande parte dos escritores brasileiros do XIX confirmam realmente o fato de grande parte deles dividirem seu tempo entre a produção literária e as atividades em algum cargo público. Também evidenciam a freqüente indistinção entre a atividade do crítico e a do escritor no campo das relações de trabalho. Aquele que publicava um romance ou livro de poesias se responsabilizava, no mais das vezes, pela crítica das obras de outros escritores, com quem, não raro, mantinha relações pessoais. Nesse sentido, a produção literária, bem como a crítica padeciam em grande medida de especialização, sendo difícil afirmar àquela época que o crítico seria uma espécie de escritor frustrado, já

⁶² MAGALHÃES, Valentim. *Notas à Margem: chronica quinzenal*. Anno I, numero 1. Rio de Janeiro: Typographia Moreira Maximino & cia. 1887, p. 5.

⁶³ Crítico importante do século XIX, o autor que trabalhara entre 1883 e 1885 na *Gazeta de Noticias* assinando a coluna *Notas à Margem*. Dedicou-se também à ficção, publicando o romance *A Flor do Sangue*, à poesia (*Cantos e Luctas* 1879) e ao conto (*Vinte Contos* 2ª edição 1895). Apesar de transitar por todos esses gêneros, foi na crítica que fez maior nomeada, sendo reconhecido inclusive no meio literário português. Em livro que narra sua visita ao Brasil, o português João Chagas deixava, em 1897, uma impressão muito particular de Valentim Magalhães, por ele considerado “um critico litterario muito culto”, que anotava “com uma pontualidade admirável, em publicações de varia natureza, todo o movimento litterario e artistico europeu e americano”. É fato que Magalhães era muito bem quisto em Portugal, pois escrevera artigos laudatórios sobre os escritores lusitanos, sobretudo Camillo Castello Branco. Em 1896, a editora portuguesa de Antonio Maria Pereira publicou o livro *A Literatura Brasileira (1870-1895): Noticia dos principais escritores documentada com escolhidos excerptos de suas obras em prosa e verso, resultado de três conferências proferidas nas salas da Sociedade de Geographia de Lisboa*, resultado de conferência do crítico realizada em Portugal.

que grande parte deles também se aventurava nos terrenos da poesia e prosa de ficção.

Essa situação pode ter tido certo impacto sobre o exercício da “profissão” que, não raro, acabava sendo marcada pela efemeridade. Tão freqüente quanto o abandono da “carreira” de letras, era o abandono da crítica literária. Em artigo publicado na *Revista Brasileira*, Antonio Salles, apresentando ao público os homens da recém criada Academia Brasileira de Letras, observava que contava ela com três críticos, cuja escolha havia recaído sobre as maiores capacidades do gênero: Silvio Romero, José Veríssimo e Araripe Junior. Distinguiam-se dos publicistas que, embora tivessem idêntica função, ocupando-se eventualmente da literatura, tinham nas questões sociais e políticas o seu principal foco de análise. Dentre esses últimos, referia-se a Rui Barbosa, que teria feito duas conferências sobre Castro Alves, posteriormente reunidas em volume; a Joaquim Nabuco, que teria estreado nas letras aos 14 anos com uma ode dedicada ao seu pai, bem como escrito um estudo sobre Castro Alves e outro sobre Camões e os *Lusíadas* no ano de 1872; a Eduardo Prado, que publicara na *Revista de Portugal*, sob o pseudônimo de Frederico de S. uma série de artigos contra a ditadura de Floriano Peixoto e estava, naquele momento, a pesquisar sobre Anchieta; a Urbano Duarte, que considerava um cronista da vida fluminense e a Oliveira Lima, que publicara na *Revista de Portugal* o artigo “Evolução da Literatura Brasileira”.⁶⁴

A lista de publicações de natureza crítica ou mesmo literária desses homens não deixa dúvida sobre a fragilidade da produção se considerada em termos de sua continuidade. Trata-se, a bem da verdade, de uma atuação muitas vezes eventual. Esse fenômeno também é verificado quando se investiga as coletâneas de crítica literária das últimas décadas do século. À exceção de José Veríssimo, que na série *Estudos de Literatura Brasileira* reuniu muitos de seus artigos publicados na *Revista Brasileira* por ele dirigida, de Araripe Junior, que em 1894 reuniu seus estudos sobre José de Alencar, também

⁶⁴ SALLES, Antonio. “Os nossos acadêmicos”. *Revista Brasileira*, Ano III, Tomo IX, 1897.

publicados originalmente na mesma revista, e de Silvio Romero⁶⁵, pode-se dizer que as demais coletâneas, além do número reduzido, foram escritas por autores que não se mantiveram por muito tempo nesse ramo de atividade. Dentre elas podemos citar: *Épocas e Individualidades*⁶⁶; resultado da reunião das críticas de Clóvis Bevilacqua publicadas originalmente em periódicos no período de 1882 a 1889; *Escretores e Escriptos: perfis literários e esboços críticos* de Valentim Magalhães, publicada no Rio de Janeiro em 1889; *Pelo Futuro*, de Alcides Maya, publicada em Porto Alegre no ano de 1897⁶⁷; *Crítica e Literatura* de Rocha Lima, publicado no Maranhão em 1878; *Cartas Literárias*⁶⁸ de Adolpho Caminha, resultado da reunião das críticas aparecidas originalmente na *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro* entre 1893 e 1894, ao qual se somaram dois trabalhos publicados na *Revista Moderna* de Fortaleza, *Homens e Livros* de Carlos Magalhães de Azeredo e *Retratos Litterários*⁶⁹ de Henrique Cezar Muzzio.

Todas essas obras têm a particularidade de terem vindo à público nas últimas décadas do século XIX e de constituírem a única publicação do gênero que tiveram esses autores. Ao mesmo tempo em que indicam o aumento do prestígio da crítica,

⁶⁵ Silvio Romero publicou, em formato livro, *A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna* (Rio de Janeiro: Imp. Industrial de João Paulo Ferreira Dias, 1880), *Introdução à História da Literatura Brasileira* (Rio de Janeiro, s.l.: 1882); *O Naturalismo em Literatura* (São Paulo: Tipografia da Província de São Paulo, 1882), *Estudos de Literatura Contemporânea* (Rio de Janeiro, Tipografia Universal de Laemmert, 1885).

⁶⁶ BEVILACQUA, Clovis. *Épocas e Individualidades: estudos litterarios*. Edição emendada. Rio de Janeiro: H Garnier, 1899.

⁶⁷ O livro tinha por objetivo disseminar a crítica literária no Rio Grande Sul.

⁶⁸ Segundo Brito Broca, as *Cartas Literárias* eram assinadas com as iniciais C.A, o que levou Tristão de Athaide a achar que eram de Capistrano de Abreu. BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Editora UNICAMP, 1991.

⁶⁹ Não localizamos essa obra, mas há referência a ela na coluna bibliográfica do periódico *O Futuro*. Em 1862, E. Lima saudava em crônica desse jornal o aparecimento do referido livro com as seguintes palavras: *Temos tanta falta de crítica litteraria, que o menor livro, por mediocre que seja, tem proporções de acontecimento*. *O Futuro: Periodico Litterario*. Rio de Janeiro: Typ. De Brito & Braga, 1862-1863. Anno 1, 15 de novembro de 1862 – V.

cujo produto originalmente espalhado em periódicos passa a ganhar um formato nobre – o livro –, o fato de serem únicas, sugere, em grande medida, a facilidade com que se abandonava o ofício. Bevilaqua, por exemplo, assinalava, no prefácio de *Épocas e Individualidades*, que seu livro era resultado da dedicação a um assunto que um dia fora de sua predileção, mas que não pertencia mais a seu campo de interesse.⁷⁰

Mesmo que exercida em sua maioria por *flâneurs*, termo que Veríssimo emprestará de Joaquim Nabuco para referir-se ao campo literário brasileiro, a crítica praticada nos jornais ocupava parcela relevante dos escritores, possibilitando, em grande medida, a divulgação e os debates sobre a produção literária nacional. No mesmo sentido, pode-se dizer que a despeito das queixas manifestas por Machado de Assis e José Veríssimo, foi graças à existência de uma espécie de “conluio” invisível, envolvendo críticos e escritores, os quais exerciam indistintamente ambas as funções, que muitas obras conseguiram ser publicadas e gêneros literários como o romance, sem grande prestígio junto às formas editoriais escolares, ganharam espaço e conseguiram construir também certa tradição crítica.⁷¹

⁷⁰ BEVILAQUA, Clóvis. *Op. cit.*

⁷¹ A respeito da consagração do romance no Brasil, conferir: AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o Romance no Brasil oitocentista*. 2006. Tese de doutorado, Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2006.

Referências

- AGUIAR, Cláudio. *Franklin Távora e seu tempo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.
- ALONSO, Angela Maria. *Idéias em movimento: a geração de 70 na crise do Brasil-Império*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2000.
- ASSIS, Machado. “Carta a José de Alencar”. Rio de Janeiro, 29.02.1868. In: _____. *Correspondência*. São Paulo/ Rio de Janeiro. WM Jackson Editores, 1962, p.22.
- AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o Romance no Brasil oitocentista*. 2006. Tese de doutorado, Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2006.
- BEVILAQUA, Clovis. *Épocas e Individualidades: estudos litterarios*. Edição emendada. Rio de Janeiro: H Garnier, 1899.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BROCA, Brito (seleção e org. Alexandre Eulálio). *Românticos, pré-românticos e ultra-românticos: vida literária e Romantismo Brasileiro*. São Paulo: Polis, 1979.
- _____. *Naturalistas, Parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Editora UNICAMP, 1991.
- CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1997, 2 v.
- CARMELO, Virgilio. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: INL / Ministério da Educação e Cultura, 1969.
- COUTINHO, Afrânio (org.). *Machado de Assis: Obras Completas*. Volume III. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1994.
- DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista: ensaios*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial/ Editora da UNICAMP, 2006.
- EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- _____. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- F.F. “Revista Bibliographica”. *Dezesseis de Julho: órgão conservador*. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1870, s.n.
- GUIMARÃES, Hélio Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. 2001. Tese (doutorado). Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2001.
- _____. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankim Editorial/EdUSP, 2004.
- LAET, Carlos de. “Chronica litteraria”. *Revista Brasileira*. Tomo I, Ano I, p.135- 141, 1879.

- MAGALHÃES, Valentim. *Notas à Margem: chronica quinzenal*. Anno I, numero 1. Rio de Janeiro: Typographia Moreira Maximino & cia. 1887, p. 5.
- MASSA, Jean Michel. *Dispersos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1965.
- MENEZES, Raimundo de. *Capistrano de Abreu: um homem que estudou*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- O Futuro: Periodico Litterario*. Rio de Janeiro: Typ. De Brito & Braga, 1862-1863. Anno 1 , 15 de novembro de 1862 – V.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. Dissertação de Mestrado, UNESP-ASSIS, 2002.
- PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1944.
- SALLES, Antonio. “Os nossos acadêmicos”. *Revista Brasileira*, Ano III, Tomo IX, p.336 – 346; p.48-60; p.141-289, 1897.
- SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliografico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª edição. Rio de Janeiro, 1999.
- VERÍSSIMO, José. “Alguns Livros de 1895 a 1898”. In: *Estudos de Literatura Brasileira*. Primeira Série. RJ: H. Garnier, 1901.
- _____. “Leitura e Livros”. In: *Almanaque Brasileiro Garnier para o anno de 1904*. Publicado sob a direção de B. F. Ramiz Galvão. Anno II, p. 202-204.
- _____. *Que é literatura e outros escritos*. São Paulo: Landy, 2001.

Mercado das letras, mercado dos homens

Valéria Augusti

Resumo: A imprensa fluminense foi destino de muitos homens de letras que, no século XIX, pretenderam obter prestígio e visibilidade entre o público leitor. Foi nessa forma editorial, marcada pela efemeridade, que atuaram muitos dos escritores posteriormente consagrados pela História da Literatura Brasileira. Tendo isto em vista, o presente artigo pretende o mapeamento da presença desses homens na imprensa, muitos dos quais críticos literários e romancistas, salientando as redes de relações por eles construídas nesse veículo. Pretende, também, evidenciar o papel que tais redes, muitas vezes duramente criticadas por críticos literários e escritores, tiveram na divulgação da produção literária nacional do oitocentos.

Palavras-chave: imprensa periódica, século XIX, crítica literária, profissionalização do escritor.

Abstract: In the 19th century, the fluminense press was the fate of many men of letters, whom had intended to get prestige and visibility from the reading audience. It was under this publishing media, characterized by the ephemeral, in which many writers acted and were, afterwards, consecrated by the History of Brazilian Literature. From this, the present article intends to map the presence of those men in the press, several of them being critics and novelists, pointing out the relationships they structured in this medium. It intends also to evoke the role those connections had in releasing the national literary production of the 1800s.

Key words: periodical press, 19th Century, literary criticism, writer's profession.

Artigo recebido para publicação em 15/11/2007

Artigo aprovado para publicação em 27/12/2007